

ECOS DA ILÍADA NO SERTÃO

Sergio de Menezes Andraus Gassani ¹

RESUMO

Neste trabalho analisamos equiparações entre uma assembleia dos reis gregos homéricos no assédio de Troia, e uma reunião dos chefes jagunços para julgar um prisioneiro em *Grande Sertão: Veredas*. Vemos os discursos dos personagens dessas obras como permeados pela construção moral de *honra heroica*. Interpretamos diferenças nas manifestações desse *éthos* no poema homérico e no romance brasileiro, conforme um sistema de valores em cujos extremos veríamos força e fraqueza substituídas por noções de bem e mal. Veríamos a vigência do valor heroico em ambos contextos, e com ele a tentativa do homem de se imortalizar inscrevendo o próprio nome na memória coletiva.

PALAVRAS-CHAVE: Homero. Guimarães Rosa. Honra heróica. Memória coletiva.

¹ Médico psiquiatra e psicanalista. Mestre e doutorando em Memória Social pela UNIRIO. Rua São Salvador, 38/101, Flamengo, 22231-130, Rio de Janeiro, RJ. CRM: 52.77951-2. (21) 98891-4414. sergioandraus1@gmail.com

A reunião dos chefes jagunços para julgar Zé Bebelo, em "Grande Sertão: veredas" (ROSA, 1956/2006), teria sido como inspirada ao autor por narrativas de assembleias de gregos homéricos? Estabeleceremos equiparações, nos campos da moral e da memória social, entre aquela reunião e a assembléia dos reis gregos na "Ilíada" (HOMERO, séc. VIII a.C./2005), para decidir o assalto a Troia, *Ilioupolis*. Pois observamos equiparações no tocante a uma moral de honra heróica e à pretensão de se imortalizar pela inscrição do próprio nome na memória coletiva.

O cenário na narrativa grega é a praia de onde os gregos, acampados com suas naus ancoradas, vêem as muralhas intransponíveis de Troia. Esse épico grego é construído em torno da temática da morte heróica. Frente a um presságio de que morreria em confortável velhice, entre os seus, no conforto de sua terra, ou ainda jovem na guerra de Troia, Aquiles escolhe morrer como herói, para ter seu nome enaltecido na memória coletiva. Os gregos saqueiam um templo de Apolo, levando a filha do sacerdote para viver como concubina de Agamêmnon, o maior dos reis da coligação. O deus ofendido lança no acampamento dos gregos uma peste que cessaria, segundo um intérprete de sinais divinos, com a devolução da filha do sacerdote. Isso cria um problema: de todas as jovens tomadas como presas de guerra, justamente o maior dos reis gregos teria de ser devolvida. Agamêmnon resolveu a questão:

Em substituição, ele pega a jovem Briseida, que fora dada a Aquiles como sua parte de honra. [...] Briseida representava para Aquiles o sinal que todo o exército grego lhe outorgava para manifestar que ele não era como os outros... (VERNANT, 2009, p. 79-80).

Para uma interpretação da ira de Aquiles, que se retira da guerra a partir desse momento, é preciso lembrar que o herói abriu mão de morrer entre os seus pela memória do seu valor como guerreiro, o mesmo que Agamêmnon lhe rebaixava ao lhe tomar, com autoridade, um butim de guerra. Morrendo, Aquiles seria lembrado pela morte heróica, ou por se ter submetido àquele ato? Zeus, que com seu poder faz cumprir-se os fados, arquitetava um ataque dos gregos a Troia, sem Aquiles, em que muitos gregos morreriam, para o herói voltar por fim à guerra, com seu valor ressaltado. O deus trama iludir Agamêmnon com um sonho em que indicaria ser aquele momento propício ao ataque. Enganado por Zeus, Agamêmnon reúne alguns reis para preparar o assalto. Mas antes de chamar ao ataque, ele quer pôr os gregos à prova: pretende reuni-los e mentir que Zeus o teria enganado, levando-o a um desvario, quando parecia indicar a queda de Troia. E que agora o deus mandava-o

voltar sem glória para Argos. Agamêmnon incitaria os guerreiros a partir, a arrastar suas naus pela areia até o mar, porém os outros reis presentes no conselho tentariam refreá-los. Na figuração da afluência do povo à reunião, Homero vê um enxamear de abelhas:

Tal como se lançam as raças das abelhas enxameantes
de uma côncava rocha saindo uma atrás da outra sem cessar
e esvoaçam em cachos sobre as flores da primavera,
voando algumas por aqui, outras porém por ali –
assim das naus e das tendas muitas raças
marchavam em frente pela areia funda em grupos
até à assembleia. [...] (HOMERO, *Ilíada*, II, 87-93.).

Esse enxame produz também seu zumbido, o som que se eleva da fala simultânea de todo aquele povo agitado, a ponto de terem os arautos de gritar mais alto, para mandá-los calar a boca. Excitados por uma divindade, o *Rumor* – como toda atividade humana fosse agir de um deus, o grego arcaico se veria constantemente levado, impelido pela divindade:

[...] Entre eles lavrava como fogo o Rumor,
mensageiro de Zeus, impelindo-os a se reunirem.
Em agitação turbulenta estava a assembleia e a terra gemeu
sob o peso dos homens sentados. Ouviam-se berros
e com seus gritos tentavam nove arautos contê-los,
para que parassem de berrar e ouvissem os reis criados por Zeus (III, 93-98).

O quadro pintado por Guimarães Rosa também fala de uma grande quantidade de homens rudes em agitação. Reuniram-se na fazenda de um aliado dos jagunços, para fazer um julgamento:

A Fazenda Sempre-Verde era a casa enorme, viemos saindo da estrada e entrando nas cheganças, os currais-de-ajuntamento. Aquele mundo de gente, que fazia vulto. Parecia um mortório. Antes passei, afanhou a porteira, aí fomos enchendo os currais, com tantos os nossos cavalos. A casa-de-fazenda estava fechada. [...] Esbarramos no eirado, liso, grande de tanto tamanho (ROSA, 1956/2001, p. 273-274).

A *ágora* dos jagunços era o eirado, para onde os chefes levaram o prisioneiro. Também Rosa cria metáforas zoomórficas, tal como Homero, ao narrar a chegada do réu:

Ali tinham apeado Zé Bebelo do cavalo, ele estava com as mãos amarradas, sim, mas adiante do corpo, feito algemas. [...] Mas Zé bebelo não estava aperreado. Tomou corpo, num alteamento – feito quando o peru estufa e estoura – e caminhou, em direitura (ROSA, 1956/2001, p. 274).

Como gado se juntando, a massa de jagunços rodeia os chefes e o réu: “A jagunçama veio avançando, feito um rodear de gado – fecharam tudo, só deixando aquele centro [...]” (ROSA, 1956/2001, p. 274).

Zé Bebelo teria reunido as tropas do Governo para combater os jagunços no Norte de Minas, mas perdeu a guerra. Com sua altivez de peru, pediu aos vencedores um julgamento, que foi concedido. Viu-se diante de Joca Ramiro, o chefe daquela aliança de bandos, e ambos entraram em *agón*, em luta, disputa, competição. O prisioneiro, na maior petulância imaginável, as mãos amarradas para frente, puxa com um pé o único banquinho e senta, deixando de pé Joca Ramiro e os outros chefes, para grande espanto dos sertanejos. Joca Ramiro de súbito senta no chão, arrancando outra exclamação dos jagunços. Zé Bebelo chuta o banco e senta no chão, de frente para Joca Ramiro (ROSA, 1956/2001, p. 274-275). Nenhum dos dois quer ser menos digno nem menos astuto que outro.

Nietzsche (1888/2006, p. 20) sublinhou o espírito agonista dos gregos antigos. Em uma perspectiva da vida como jogo, como luta, a realidade se constrói como efeito do embate incessante que define em cada momento a conformação de cada um, e o quanto terá lhe cabido nesta vida. Será lembrado por sua dignidade – única via de acesso à imortalidade para um mortal – ou percorrerá esta existência andando a sombra e será esquecido. Esse *éthos*, o esforço por alcançar imortalidade inscrevendo o próprio nome na memória coletiva, teria vigorado na Grécia antiga (DETIENNE, 2013, p. 24), e também fica patente em uma fala do narrador de *Grande Sertão: veredas* (ROSA, 1956/2001, p. 290-291). Joca Ramiro oferece a palavra a qualquer jagunço que queira falar, e o jovem sertanejo Riobaldo, tomado pelo *páthos* que o tornaria chefe no futuro, toma a palavra e traz à discussão que memória eles pretendiam deixar de seus feitos:

A guerra foi grande, durou tempo que durou, encheu este sertão. Nela todo o mundo vai falar, pelo Norte dos Nortes, em Minas e na Bahia toda, constantes anos, até em outras partes.... Vão fazer cantigas, relatando as tantas façanhas.... Pois então, xente, hão de se dizer que aqui na Sempre-Verde vieram se reunir os chefes todos de bandos, com suas cabras valentes, montoeira completa, e com o sobregoverno de Joca Ramiro – só para, no fim, fim, se acabar com um homenzinho sozinho – se condenar de matar Zé bebelo, o quanto fosse um boi de corte? Um fato assim é honra? Ou é vergonha? (ROSA, 1956/2001, p. 290).

O narrador termina sua fala à assembléia prevendo “fama de glória” se soltassem o prisioneiro:

A ver. Mas, se a gente der condena de absolvido: soltar este homem Zé Bebelo, a mãvazias, punido só pela derrota que levou – então, eu acho, é fama grande. Fama de glória: que primeiro vencemos, e depois soltamos (ROSA, 1956/2001, p. 291).

Riobaldo é seguido por um chefe, Sô Candelário, que o apoia e exalta a memória heróica:

Seja a fama de glória.... Todo mundo vai falar nisso, por muitos anos, louvando a honra da gente, por muitas partes e lugares. Hão de botar verso em feira, assunto de sair até divulgado em jornal de cidade (ROSA, 1956/2001, p. 292).

Entre os gregos, o medo do fracasso na luta também se relacionava ao sentimento de vergonha em pensar no próprio nome associado à derrota. Isso se vê nas palavras com que Agamêmnon, o maior dos reis gregos, lamenta a perspectiva de uma retirada antes de haver saqueado Troia:

Pois esta é uma vergonha de que ouvirão falar os vindouros: que deste modo, em vão, uma hoste tão numerosa e valorosa de Aqueus uma guerra guerreou escusada e lutou contra homens em menor número, sem que por fim se visse qualquer finalidade (HOMERO, Ilíada, II, 119-122).

A finalidade naquele caso seria saquear a cidadela e escrever o nome na história:

Ó amigos, heróis dos Dânaos e escudeiros de Ares!
Grandemente me iludiu Zeus Crónida com grave desvario
deus duro!, que antes me prometera inclinando a cabeça
que eu regressaria a casa depois de saquear *Ílion* de belas muralhas.
Mas agora congeminou um dolo maldoso e manda-me
voltar sem glória para Argos, depois de ter perdido tanto povo.
É assim o bel-prazer de Zeus de supremo poder,
Que deitou por terra as cabeças de muitas cidades,
e a outras ainda fará o mesmo: é que sua é a força máxima
(HOMERO, Ilíada, II, 110-118).

A justificativa para o assédio a Troia seria uma ofensa à hospitalidade de um rei grego – o seqüestro de Helena, sua esposa, por um hóspede troiano, – ofensa essa urdida por Vênus que lançou sentimentos amorosos irrefreáveis nos fugitivos. Não existe uma qualidade moral dos troianos que justifique a guerra, eles não são menos bons e nem menos belos ou dignos que os gregos. A beleza de “Ílion de belas muralhas” é exaltada, e as casas troianas são vistas de dentro, com belas narrativas sobre o amor familiar e a perda dos que morrem. Se Aquiles e Heitor lançam-se em fúria um contra o outro, é porque Zeus fez cumprirem-se assim os fados.

Julio César dizia descender de Vênus, por pertencerem os Júlios a um ramo genealógico que chegaria ao herói troiano Eneias, filho da deusa. No dia do incêndio de Troia, tornado viúvo pelo ataque, Eneias foge levando o velho pai, e o filho pequeno, *Iulo*, ou Julio. A "Eneida" de Virgílio (19 a. C./2013) narra os feitos de Eneias que, em fuga, protegido pela deusa sua mãe, chega ao Lácio para dar nascimento ao povo latino. Vários povos europeus necessitaram da narrativa mítica da guerra de Troia para situar sua própria origem mítica, o que não foi diferente com os romanos. Chama a atenção o modo isonômico do poeta grego de tratar os próprios gregos e seus adversários, a ponto de ambos os lados terem sido idealizados como berço mítico para vários povos. O valor heróico de ambos os lados é grandioso, mas os deuses favorecem os gregos, que vencem a guerra. Ao enaltecer os adversários, os gregos valorizavam a guerra travada. A bravura era exaltada, e a medida da dignidade de um homem seria sua *timé*, seu valor como guerreiro. Quando a guerra deixa de ser um evento em que o valor é posto à prova, e emerge uma nova moral que exige justificativa para a guerra, o adversário tem de cair em termos morais, não se pode admirá-lo. Ele é inimigo, e tem de ser mau para merecer que lhe seja feita guerra. Essa valoração moral do ato bélico é também tratada no "Grande Sertão". Alguns chefes defendem que se mate Zé Bebelo, por ter ele ido fazer guerra no sertão. Outros adotam um *éthos* similar ao da honra heroica dos gregos. Quando Joca Ramiro pergunta ao chefe Sô Candelário que crime Zé Bebelo teria cometido, aquele responde:

Crime?... Crime não vejo. É o que acho, por mim é o que declaro: com a opinião dos outros não me assopro. Que crime? Veio guerrear, como nós também. Perdeu, pronto! A gente não é jagunços? A pois: jagunço com jagunço – aos peitos, papos. Isso é crime? Perdeu, está aí feito umbuzeiro que boi comeu por metade... Mas brigou valente, mereceu... Crime, que sei, é fazer traição, ser ladrão de cavalos ou de gado... não cumprir a palavra (ROSA, 1956/2001, p. 282).

Os chefes mais vingativos, aqueles cujos discursos não apelam à noção de honra heróica, pedem a execução de Zé Bebelo. Hermógenes e Ricardão, dois desses chefes, matarão Joca Ramiro em traição, e aí sim se inicia a maior guerra do sertão, depois daquela que Zé Bebelo havia travado e perdido. Uma guerra entre, de um lado, traidores, infames, e de outro os jagunços de costumes nobres de Guimarães Rosa. Diferentemente da "Ilíada", em que há embate entre duas partes equivalentes em termos de conduta heroica, em *Grande Sertão: Veredas* já existe um lado da disputa degradado moralmente. Por serem adversários, nem Aquiles, nem Heitor

necessitaram ser diminuídos em seu valor como guerreiros. Já os vilões de Rosa têm propensão à crueldade e à injustiça, e por isso o leitor, como Riobaldo, deseja vingativamente que eles morram:

Ele era sujeito vindo saindo de brejos, pedras e cachoeiras, homem todo cruzado. De uns assim, tudo que escapa vai em retinje de medo ou de ódio. Observei, digo ao senhor. Carece de não se perder sempre o vezo da cara do outro; os olhos. Advertido que pensei: e se eu puxasse meu revólver, berrasse fogo nele? Se acabava um Hermógenes – estava ali, são no vão, e num átimo se via era papas de sangue – ele voltava para o inferno! (ROSA, 1956/2001, p. 279).

O que seria esse mal para os gregos? Atenas impele Ulisses a refrear os homens que, pretendendo retornar a casa, já arrastavam suas naus na areia da praia. O herói, favorecido pela deusa, astuto e corajoso, encontra alguém metido em uma rixa, e o repreende conforme a seguinte moral:

Desvairado, senta-te sossegado e ouve o que dizem outros,
melhores que tu! Não passas de um cobarde, de um fraco!
Não contas para nada, nem para a guerra, nem pelo conselho
(HOMERO, Ilíada, II, p. 200-202).

Ulisses não repreende o guerreiro por uma ação praticada, mas por falta de valor ou capacidade para realizar a ação. Em seguida o herói se depara com um tal de Tersites a vociferar contra Agamêmnon. Esse questionava a virilidade do rei, e o acusava de covarde. De si próprio, dizia que já havia saqueado cidades e seqüestrado mulheres para dá-las como concubina a alguém, que seqüestrava filhos de troianos para pedir resgate, mas nada disso parece ofensivo, apenas não ser viril, e ser covarde. É disso que o baixo Tersites acusa o filho de Atreu, Agamêmnon, que falava em retornar sem glória.

Filho de Atreu, estás descontente? Falta-te alguma coisa?
As tuas tendas estão cheias de bronze e muitas mulheres
escolhidas estão nas tuas tendas, essas que nós Aqueus
te demos em primeiro lugar, quando saqueávamos uma cidade.
Ou será ouro que tu queres? Ouro que te traga um dos troianos
domadores de cavalos de Ílion, como resgate pelo filho,
que eu ou outro dos Aqueus capturei e trouxe para aqui?
(HOMERO, Ilíada, II, 225-231).

Tersites ainda diz que Aquiles é melhor homem que Agamêmnon, rebaixando-o na sua *timé*, e se lembra do *prêmio* – a jovem capturada no saque – que Agamêmnon tomou de Aquiles: “Ele que há pouco desonrou Aquiles, melhor homem que ele, pois lhe tirou o prêmio, devido à sua própria arrogância” (II, 239-240). Ulisses repreenderá Tersites com particular dureza, pois a grande admoestação do herói aos

guerreiros que encontra pelo caminho das naus é que respeitem o poder dos reis, e não partam antes de ouvir a deliberação soberana, que nasceria de uma assembléia. Atenas, a deusa da astúcia, da arte de dizer a palavra persuasiva, é que impele Ulisses a dizer sua fala sobre o respeito à autoridade.

E o poeta, que diz sobre Tersites? Vejamos a fala homérica, para interpretar aspectos da moral entre os gregos arcaicos:

Só Tersites de fala desmedida continuava a tagarelar – ele que no espírito tinha muitas e feias palavras, sem nexos e sem propósito, para vilipendiar os reis embora o que acaso lhe ocorresse dizer fizesse surgir o riso entre os Argivos. Era o homem mais feio que veio para Ílion: tinha as pernas tortas e era coxo num pé; os ombros eram curvados, dobrando-se sobre o peito. A cabeça era pontiaguda, donde despontava uma rala lanugem (II, 212-219).

Nietzsche chamou de objeção e refutação a feiura para o grego (NIETZSCHE, 1888/2006, p. 18). A feiúra e a inveja acompanhariam outras manifestações de baixaza, como falta de valor na guerra. Essa moral condensa valor com poder, de modo que no épico grego os heróis são lutadores extraordinários. Já Tersites é desimportante, o poeta o ridiculariza. Nesse sentido, o personagem não poderia ser equiparado a um vilão contemporâneo, que é fonte de ameaça. Esse tipo de personagem não está em primeiro plano na luta que o herói enfrenta, pois a esse se deve opor outro herói, para haver desafio à altura. A *agón* heroica não seria travada propriamente entre o bem e o mal.

Se a guerra do Governo com os jagunços opôs dois heróis, a guerra que sucede a morte de Joca Ramiro é uma disputa entre o bem e o mal. Hermógenes e Ricardão são nefastos pois desprezam a moral heróica. No julgamento de Zé Bebelo, Hermógenes clama por sua morte várias vezes, mas Ricardão é que provoca o maior perigo, ao dizer palavras sensatas sobre as graves perdas que Zé Bebelo provocou com suas tropas do Governo, por ter ido ao Norte de Minas caçar os jagunços. Riobaldo se entristece:

Mire e veja o senhor: e o pior de tudo era que eu mesmo tinha de achar correto o razoado do Ricardão, reconhecer a verdade daquelas palavras relatadas. Isso achei, meio me entristeci. Por que? O justo que era, aquilo estava certo. Mas, de outros modos – que bem não sei – não estava. Assim, por curta ideia que eu queira dividir: certo, no que Zé Bebelo tinha feito; mas errado no que Zé Bebelo era e não era. Quem sabe direito o que uma pessoa é? Antes sendo: julgamento é sempre defeituoso, porque o que a gente julga é o passado. Eh, bê. Mas, para o escriturado da vida, o julgar não se dispensa; carece? Só que uns peixes tem, que nadam rio-arriba, da barra às cabeceiras. Lei é lei? Lôas! Quem julga, já morreu. Viver é muito perigoso, mesmo (ROSA, 1956/2001, p. 284-285).

Mas qual seria a palavra, o discurso do réu? Reunindo astúcia e nobreza, ele seria o protótipo do herói de épico grego. Reproduzimos abaixo uma manifestação deste *épos* heroico, na criação de Rosa:

A gente tem de sair do sertão! Mas só se sai do sertão é tomando conta dele adentro... [...] Não devia de ter querido contra Joca Ramiro dar combate, não devia-de. Não confesso culpa nem retrauta, porque minha regra é: tudo que fiz, valeu por bem feito. É meu consueto. Mas, hoje, sei: não devia-de. Isto é: depende da sentença que vou ter, neste nobre julgamento. Julgamento, digo, que com arma ainda na mão pedi; e que deste grande Joca Ramiro mereci, de sua alta fidalguia... Julgamento – isto, é o que a gente tem de sempre pedir! Para que? Para não se ter medo! É o que comigo é. Careci deste julgamento, só por verem que não tenho medo... Se a condena for às ásperas, com a minha coragem me amparo. Agora, se eu receber sentença salva, com minha coragem vos agradeço (ROSA, 1956/2001, p. 294-295).

Nossa leitura simultânea da "Ilíada" e de "Grande Sertão Veredas" viu ambas as obras perpassadas pelo *épos* heroico. O épico grego não pode ser lido em termos de bem e mal, não é possível ver gregos e troianos conforme essas categorias. Já em "Grande Sertão" há um descolamento dos atributos de força e nobreza, e um juízo moral sobre os personagens. Observamos, portanto, duas interpretações culturais de um valor moral, a honra heróica.

REFERÊNCIAS

DETIENNE, M. *Mestres da verdade na Grécia arcaica*. Tradução: Ivone C. Benedetti. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HOMERO. *Ilíada*.(752 a.C.) Tradução: Frederico Lourenço. Lisboa: Livros Cotovia e Frederico Lourenço, 2005.

NIETZSCHE, F. (1888) *Crepúsculo dos ídolos*. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

ROSA, J. G. (1956) *Grande Sertão: Veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

VERNANT, J.P. *A travessia das fronteiras: entre mito e política II*. Tradução de Mary Amazonas de Barros. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Tradução do latim por Professores da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa. Lisboa: Bertrand, 2013.

ECHOES OF ILIAD IN THE SERTÃO

ABSTRACT

In this work, we analyze equivalencies between the Homeric Greek kings gathered for deliberation during the Troia siege, and a meeting of the bully chiefs to judge a prisoner in *Grande Sertão: Veredas*. We interpret the characters' speeches of both works as being permeated by the moral construction of heroic honor. We investigate differences concerning the manifestations of this ethos in the Homeric poem as well as in the Brazilian novel, according to a system of values. On account of its extremes, we would observe strength and weakness been replaced by another one based on the notions of good and evil. We would see the validity of the heroic value in both contexts, leading the man to the attempt to be immortalized by inscribing his proper name in the collective memory.

KEYWORDS: Homer. Guimarães Rosa. Heroic honor. Collective memory.

ÉCHOS DE L'ILIADE AU SERTÃO

RÉSUMÉ

Dans cet travail, nous analysons les équivalences entre l'assemblée des rois grecs homériques pendant le siège de Troie et une réunion des chefs *jagunços* pour juger un prisonnier à *Grande Sertão: Veredas*. Nous interprétons les discours des personnages de ces œuvres comme imprégnés d'une notion morale d'honneur héroïque. Nous étudions les différences dans les manifestations de cet *éthos* dans le poème homérique et le roman brésilien, selon un système de valeurs, aux extrémités desquelles nous verrions la force et la faiblesse remplacées par des notions de bien et de mal. Nous verrions la notion d'honneur héroïque dans les deux contextes, et avec lui la tentative de l'homme de s'immortaliser en inscrivant son propre nom dans la mémoire collective.

MOT-CLÉS: Homère. Guimarães Rosa. Honneur héroïque. Mémoire collective.

Recebido em: 28-10-2018

Aprovado em: 19-11-2018

© 2018 Psicanálise & Barroco em revista

<http://www.seer.unirio.br/index.php/psicanalise-barroco/index>
revista@psicanaliseebarroco.pro.br

Programa de Pós-Graduação em Memória Social — UNIRIO.

Memória, Subjetividade e Criação.

<http://www.memoriasocial.pro.br/proposta-area.php>